

## A EDUCAÇÃO PARA VALORES A PARTIR DA APRENDIZAGEM POR SOLUÇÃO DE PROBLEMAS

Saes, Danuza Sgobbi<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente estudo pretende uma contribuição teórica e reflexiva acerca da Aprendizagem por Solução de Problemas como uma via de concretização da Educação para Valores. Ele traz, para tanto, a compreensão dos mecanismos cognitivos e metacognitivos da Aprendizagem por Solução de Problemas a partir das perspectivas da Psicologia Cognitiva e Construtivista e também, as contribuições das teorias do Desenvolvimento Moral, ambas convergem na afirmação do papel da Escola na Educação Moral e para os valores, considerando que a Educação busca a formação integral do ser humano. O resgate dos pressupostos de Piaget e Kohlberg nos levam a pensar que, neste sentido, os meios são tão importantes quanto os fins, pois, uma educação moral não se faz através da coação ou doutrinação, mas da cooperação e participação ativa dos alunos. Desta forma, a investigação conclui que a partir destas perspectivas teóricas e das pesquisas consultadas, os instrumentos mais adequados para promover a educação de Valores são aqueles que têm suas bases assentadas nas Aprendizagens Ativas e Solução de Problemas, e a discussão de Dilemas entre pares parece especialmente adequada.

**Palavras – Chave:** Educação para Valores, Desenvolvimento Moral, Solução de Problemas.

### INTRODUÇÃO

A Psicologia Cognitiva como campo do conhecimento e pesquisa enfatiza os processos conscientes na formação da personalidade, dedicando-se tradicionalmente à compreensão dos processos cognoscitivos e de aprendizagem, porém, não há nada que impeça de se estudar, a partir desta perspectiva, questões sociais, políticas, econômicas e culturais. (Kruger, 1988)

Nas últimas décadas, inclusive, as pesquisas em Psicologia Cognitiva têm se dedicado especialmente às relações entre os campos da cognição, afeto e cultura, principalmente, nas tentativas de se entender como o ser humano constitui seus processos de aprendizagem e, a partir dessa perspectiva, tem se proposto que a mente e a cultura coevoluíram, pois, a vida em sociedade sempre exerceu um importante papel na evolução da mente, quer dizer, a cultura tem influência decisiva nos processos metacognitivos. (Leme, 2011)

A expansão dos estudos da Psicologia Cognitiva e da Aprendizagem e, inclusive, a da Aprendizagem por Solução de Problemas mostram-se particularmente

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Psicopedagoga, mestre em Psicologia Clínica danuza.saes@gmail.com

importantes, inclusive na tentativa de responder às críticas de que esta seria uma área assentada em pesquisas de caráter fragmentado e tecnicista. (Leme, 2001)

As pesquisas acerca da Solução de Problemas partem de uma tentativa de compreensão dos processos que tornam possíveis, ao ser humano, adaptar conhecimentos adquiridos a outras situações, o que é visto como condição para a capacidade de adaptação, inclusive às condições sociais e culturais. (Leme, 2001)

As habilidades de solução de problemas podem, portanto, serem definidas por processos cognitivos e metacognitivos que envolvem a compreensão da natureza do problema e a identificação de soluções eficazes para modificação da situação que se apresenta, ou mesmo, das reações à situação problemática, inclusive, reduzindo ou modificando emoções geradas. (Leme, 2001)

Através delas, o indivíduo externaliza o processo construtivo de aprender, convertendo-o em ações, conceitos e proposições, facilitando a análise que faz das consequências e a partir daí, desenvolve a capacidade de realizar escolhas por alternativas mais adequadas a cada nova situação. (Costa e Moreira, 2001).

A proposta de ensino baseado no desenvolvimento de habilidades de solução de problemas vem ganhando ênfase na Educação atualmente, sendo colocada inclusive, entre os objetivos do ensino fundamental, nos Parâmetros Curriculares Nacionais. (Brasil, 1997)

As pesquisas voltadas ao tema, no entanto, parecem apontar tanto qualidades quanto defeitos no uso pedagógico da proposta de Aprendizagem por Solução de Problemas e o que parece estar se tornando consenso é que as metodologias baseadas neste modelo, não resolvem todas as questões educacionais ou escolares, pois, parece adequada a alguns temas, conteúdos e situações e não necessariamente a todos, bem como, demanda planejamento com métodos e técnicas apropriadas. (Berbel, 1998)

Parece claro, então, que cabe à Psicologia Cognitiva realizar estudos acerca da pertinência da utilização das metodologias de Aprendizagem por Solução de Problemas às mais diversas matérias e conteúdos escolares, bem como, aos temas pertinentes à Educação e ao Desenvolvimento Humano.

Nesse sentido, uma temática que tem tomado relevância na atualidade, sendo preconizado por organismos internacionais, como a UNESCO e, figurando nos Parâmetros Curriculares Nacionais como um dos temas transversais a serem adotados no ensino

fundamental, devendo, portanto, ser contemplado nas políticas públicas é a proposta de Educação de Valores ou formação ética. (Brasil, 1997b).

A necessidade de estudarmos a Educação para Valores e a Formação Ética no ensino, faz se ainda mais importante, pois, trata-se de um tema controverso entre os agentes de Educação já que tem despertado opiniões divergentes acerca do papel da escola e da família na formação em valores, moral e ética dos alunos, bem como, as vias de consecução dessa tarefa.

Partindo, no entanto, dos pressupostos das teorias do Desenvolvimento Moral de autores consagrados como Piaget e Kohlberg e de seus continuadores, esta controvérsia pode estar resolvida.

Os referidos autores se interessaram não apenas por uma profunda compreensão dos processos internos e endógenos relacionados ao Desenvolvimento Moral do sujeito epistêmico, como também por entender os processos, relações e condições externas que levam o sujeito a sair de uma condição amoral, característica dos primeiros anos da infância, para uma moral plenamente constituída em uma idade posterior.

Nas teorias desenvolvidas por eles há uma unanimidade que a moral do sujeito se constrói a partir das inter-relações de condições endógenas com aspectos das condições psicossociais e ambientais, presentes na inter-relação do sujeito com a sociedade e com o mundo. (Duska e Whelan, 1994; Araujo, 2001; La Taille, 2009; Inhelder, 2012)

Para Piaget (1994), o desenvolvimento moral se inicia a partir de uma fase de anomia, isto é, um momento em que o sujeito não possui regras estabelecidas internamente; seguindo para a heteronomia, fase em que as relações são assimétricas e o respeito é unilateral e, portanto, as regras dependem de uma autoridade, assim, impera o egocentrismo, pois, a criança não consegue se descentrar de seu ponto de vista e possui uma concepção objetiva da responsabilidade.

Chegando, por fim, à autonomia, momento em que estão constituídas relações simétricas e de cooperação, com base na reciprocidade normativa e a capacidade de desenvolver regras internas próprias. O autor deixa claro, porém, que o desenvolvimento moral não é dado como certo e nem está preso à idade cronológica, bem como, uma fase não substitui completamente a outra.

A teoria de Kohlberg se situa como uma ampliação da teoria de Piaget em relação ao Desenvolvimento Moral que, segundo o autor, acontece em paralelo à maturação intelectual, apresentando estágio sucessivos, qualitativamente diferenciados, que dependem de adequadas experiências sociais, educacionais e culturais.

Para este autor, este processo passa por estágios: pré-convencional, convencional e pós-convencional indo desde a heteronomia básica até a autonomia plena, isto é, de uma obediência incondicional a uma autoridade até ao ponto de estarem estabelecidas as condições para que as ações sejam baseadas em princípios éticos universais, sendo que grande parte das pessoas não atinge esse estágio. (Kruger, 1988; La Taille, 2006; Montoya, 2017)

A autonomia moral, para o autor, embora seja um potencial humano universal não é necessariamente realizado, pois, o desenvolvimento moral é fruto de uma construção e seu fim é que o sujeito autônomo possa legitimar princípios e regras morais inspirados na reciprocidade, igualdade, equidade e respeito mútuo e que o desenvolvimento moral segue em direção ao ideal de justiça universal. (La Taille, 2006)

O desenvolvimento moral, portanto, desemboca na condição do sujeito de compreender as contradições de seus pensamentos e valores e compará-los com os de outras pessoas assim, conclui-se conseqüentemente, que o indivíduo não é capaz de, por si só, chegar a uma tomada de consciência moral, ele precisa conviver com o outro e discutir a vaidade das regras, pois, a crítica nasce da discussão e a discussão se faz entre pares. (Lima, 2004)

As perspectivas ora apresentadas deixam claro a posição fundamental que ocupa o conceito de cooperação, conforme foi colocado por Piaget e Kohlberg, na constituição do sujeito moral, bem como, a importância cabal das inter-relações nesse processo, pois, a partir das teorias do Desenvolvimento Moral, podemos concluir que o juízo moral de cada um depende da oferta de experiências sociais e culturais e das interações que o sujeito realiza ao longo de sua vida, começando nos espaços privados, mas se prolongando para todos os ambientes, principalmente os educacionais.

A escola, portanto, assume um papel na construção de valores a partir do momento que promove a convivência diária entre os pares, impõe a vida coletiva e normas comuns, bem como, passa valores considerados importantes em determinada cultura, ainda que isso aconteça de forma contraditória ou arbitrária (Zechi, 2014)

Ela oferece uma série de vantagens no desenvolvimento de habilidades para a formação moral, pois, a educação doméstica longe de corrigir os seus próprios defeitos acaba, muitas vezes, por reproduzi-los e ainda, nem sempre aquilo que é aceitável no espaço íntimo o é no espaço coletivo. (Tognetta e Vinha, 2009; La Taille, 2009; Zechi, 2014)

A Educação Moral, portanto, é necessária à completa formação dos indivíduos, tendo como objetivo a construção de personalidades autônomas, capazes de escolher livre e conscientemente seus valores, garantindo a liberdade, a escolha racionalmente embasada e o balizamento de juízos morais com base em princípios universais de justiça, inclusive, na resolução dos problemas mais cotidianos. (La Taille, 2009; Zechi, 2014)

E, tem ainda outra finalidade que ultrapassa os muros da Escola; fortalecer a democracia a partir da aprendizagem de uma convivência justa, que deve ter como base a assunção de valores socialmente desejáveis como a justiça, o respeito, a solidariedade, a dignidade e a generosidade. (Puig, 2000; La Taille, 2009; Oliveira e Menin, 2015)

A escola, segundo os diversos pesquisadores do Desenvolvimento Moral, deve sim, então, se imbuir do compromisso de educar moralmente seus alunos e fazê-lo de forma intencional e planejada, pois, a profunda compreensão dessas teorias deixa claro que, para que a Educação de Valores promova um real desenvolvimento moral e conseqüentemente, traga um impacto sob as inter-relações no ambiente escolar e fora dele, os meios são tão importantes quanto os fins. (Araujo, 200, Menin e cols, 2017)

Os estudos empíricos sobre a prática da Educação em Valores deixam claro que ela não pode ser levada a cabo a partir de posturas doutrinadoras, coercitivas que partem de perspectivas verbais ou, ao contrário, excessivamente relativistas, acaba por desenvolver uma moral heterônoma que só tem lugar na presença de uma autoridade. (La Taille, 2009; Menin e cols, 2017)

O presente estudo teve como finalidade buscar argumentos que embasassem a escolha mais adequada de métodos educativos na condução da **educação de valores na escola**, já partindo da perspectiva que essa função cabe a escola e que esta deve ser urgentemente pensada, para que possamos levar a cabo sua verdadeira função que é a de promover o desenvolvimento moral dos alunos, bem como, sua formação integral como seres humanos e cidadãos livres críticos e autônomos.

## METODOLOGIA

A partir desse caminho teórico, o presente estudo buscou, através de pesquisas bibliográficas e revisões teóricas, apresentar argumentos e tecer reflexões acerca das metodologias e propostas mais adequadas à condução de uma Educação de Valores que realmente promova o Desenvolvimento Moral de seus alunos e, conseqüentemente, traga um impacto sob o ambiente escolar; apresentando para este fim, a Aprendizagem por Solução e Problemas como uma via de consecução desse intento.

## DESENVOLVIMENTO

La Taille (2009) realiza extensa reflexão acerca das vias para implantação da Educação Moral nas Escolas, propondo algumas respostas acerca das possíveis diferentes vias que já foram ou não adotadas para a implantação da **educação de valores**.

O autor afirma que ela não se dê pela via da religiosidade, o que além de ferir a laicidade da **escola** pública, seria uma condição autoritária, a partir do momento em que imporia determinada visão, o que se caracterizaria como uma forma de privilégio.

Depositar também, a responsabilidade pela **educação moral** ou de **valores** na oferta de disciplinas como **filosofia**, teria vantagens no sentido de possibilitar a abordagem de sistemas morais e éticos de diferentes épocas e culturas, ampliando o horizonte de reflexão dos alunos, porém, a necessária maturidade intelectual exigida para estes conteúdos, colocaria o debate acerca da **moral** em um momento tardio do **desenvolvimento moral** dos alunos.

A oferta, por outro lado, de uma disciplina específica traria questões a serem resolvidas, como a articulação entre a moral e cidadania que são questões que se articulam, mas não podem ser confundidas, bem como, o necessário cuidado com a subordinação de um sistema social sobre outro.

Essa via, além de reducionista, parece ser ainda contaminada pelo modelo doutrinário vigente no período militar no Brasil, que visava à assunção de determinados valores sobre outros, sendo que os frutos desse período não se mostraram efetivos, visto que os valores impostos por uma autoridade tendem a perdurar enquanto durar o controle. (MENIN, 2002)

Desta forma, La Taille (2009) conclui que a transversalidade, conforme preconizada nos Parâmetros Curriculares Nacionais parece ser uma proposta rica, inteligente e generosa, porém, ainda permanece a questão de que diferentes atores da educação, especialistas em



diferentes áreas, talvez não estivessem adequadamente preparados para abordar esse tema ou realizar apropriadas conduções.

Além disso, nas escolas há normalmente uma crença que os conflitos cotidianos necessitam de uma intervenção material visível, que dê credibilidade, aos que educam, através de um papel punitivo e é que é assim, que se faz a educação moral. Contudo, a forma como conduzimos determinadas situações e conflitos que acontecem na escola, podem desenvolver apenas uma tendência moral heterônoma onde o sujeito só age em função de ser ou não castigado. (TOGNETTA e ASSIS, 2006; TOGNETTA, LEME e VICENTIM, 2013)

Neste sentido, parece justo que façamos um resgate das teorias construtivistas acerca da educação e mais especificamente no que tange ao **desenvolvimento moral**, para encontrarmos respostas acerca dos caminhos que permitem uma **educação moral** que coadune com essa proposta transversal e garanta uma efetividade de consecução na escola.

A perspectiva **piagetiana** nos traz a crença que na Educação os meios são tão importantes quanto os fins. Assim, se quisermos realmente educar para a autonomia, não é possível utilizar métodos que tenham com base a coação, pois, a formação moral dos alunos passa pelo exercício do diálogo, nas relações de troca de necessidades, pontos de vista e aspirações. (MENIN, 2002)

Alguns princípios devem ficar claros aos profissionais que deverão atuar com educação moral: o embate dialógico entre uma pessoa de um desenvolvimento moral com outra de um estágio mais elevado, tende a fazer a primeira evoluir, portanto, o grande trabalho se dará entre os pares. (LA TAILLE, 2009)

Muller e Alencar (2012) afirmam que a educação moral deve partir de um processo pelo qual os valores deixam de serem leis impostas por agentes externos e convertem-se em diretrizes internas, portanto, ela não passa pela coação, imposição, pelos métodos verbais ou pelo doutrinamento, pois, falar de um tema, ainda que no âmbito dos valores, em nada acrescenta se não se promover a descentralização, o respeito mútuo e a cooperação. A simples transmissão de valores é ineficaz e a escola deve desenvolver a capacidade de diálogo e a discussão de problemas genuínos.

Para Montoya (2017) a autonomia moral tem profunda relação com a tomada de consciência e esta só acontece com a possibilidade de representação das ações, na possibilidade de se fazer escolhas, tomar decisões, inclusive, em relação às regras, para que efetivamente estas ganhem sentido pessoal.

Segundo o mesmo autor, essa tomada de consciência no desenvolvimento moral, depende da passagem de coordenações práticas para as conceituadas e, portanto, exige que os

conflitos e relacionamentos interpessoais sejam reconstituídos através de relatos orais para que se procure compreender as ações do outro e as próprias de modo descentrado.

A perspectiva apresentada pelos autores que defendem novas propostas na **educação de valores**, não significa ausência de autoridade e muito menos a proposta de uma moral relativista, que é tão ineficaz e perigosa quanto à coação. Mas sim, propõem que os educadores possam pensar maneiras mais adequadas a partir do que preconizam as teorias construtivistas e do **desenvolvimento moral**.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os métodos ativos de aprendizagem favorecem que a criança construa seu conhecimento através do objeto, reconfigurando suas estruturas prévias, assim, supõe-se que, em uma perspectiva construtivista da Educação e aprendizagem, baseada nos modelos oferecidos por Jean Piaget da construção do sujeito epistêmico, os métodos ativos sejam os mais adequados para propiciar o Desenvolvimento Moral dos alunos. (ZECHI, 2014)

Os procedimentos utilizados podem ser o uso da deliberação, assembleias de classe, resolução de conflitos, debate, mediação, discussão de dilemas, construção coletiva de regras, bem como, reflexão sobre questões morais e éticas que permeiam a escola e seu entorno. (PUIG, 2000; ZECHI, 2014)

A educação moral, portanto, não deve se utilizar de autoritarismos ou de relativismos, mas promover o desenvolvimento natural de estruturas universais, a partir de espaços de reflexão, tomada de decisão, escolhas, sem apresentar aos alunos as respostas, mas propiciar a condição para que eles as procurem dentro de si. (LA TAILLE, 2009)

O método de discussão de dilemas parece, que demanda o uso de habilidades de solução de problemas, nesse sentido, parece ser particularmente adequado, pois, ele está, segundo pesquisas, diretamente relacionado com o aumento da sensibilidade em relação ao outro e o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais. (MAIA e LOBO, 2013).

Piaget (1994) utilizou dilemas morais, isto é, histórias hipotéticas que descreviam ações em termos de intenções antagônicas associados às consequências e avaliava as respostas das crianças a esses dilemas, no sentido de investigar o **desenvolvimento moral**, porém, nunca as utilizou como um método interventivo em si.

Kohlberg (1994), porém, delineou uma prática pedagógica para desenvolver nas pessoas a capacidade de raciocinar sobre valores morais, mediante a suposição de que a



discussão favorecia o desenvolvimento do raciocínio moral. O método consistia basicamente na formação de grupos entre pares de diferentes estágios do desenvolvimento moral e através da discussão coordenada de dilemas, buscava-se criar um desequilíbrio cognitivo e desenvolver argumentos e habilidades, promovendo o desenvolvimento dos participantes (GALVÃO, 2010).

Borges (2003) realizou um estudo com crianças do ensino fundamental, acerca das habilidades cognitivas para solução de problemas interpessoais, sendo que essas habilidades, conforme apresentadas no referido estudo, são compostas por dois processos básicos: oferecer alternativas pra a solução de problemas com pares ou autoridade e antecipar o potencial das consequências das ações na relação interpessoal.

A partir de um programa de intervenção e posterior aferição, o pesquisador constatou que era possível influir nas formas de pensar, usar crenças e modificar valores a partir dos problemas que surgiam e eram discutidos.

Vinha e Tognetta (2009) propõem que os conflitos cotidianos naturais devem ser aproveitados como oportunidades de auxiliar os alunos a reconhecerem suas próprias perspectivas e a dos outros e, a partir daí, buscar soluções aceitáveis o que promoveria o desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos alunos.

Em outra pesquisa, Maia e Lobo (2013) apresentaram um relato de experiência com o desenvolvimento de habilidades de solução de problemas interpessoais com alunos do quarto ano do ensino fundamental e observaram que este trabalho foi fundamental para o manejo dos conflitos.

Isso ocorre porque a busca de soluções alternativas e o desenvolvimento do pensamento em sequência foram fundamentais e concluíram que é necessário pensarmos os aspectos cognitivos, afetivos e morais de forma conjugada.

Zechi (2014) em estudo sobre o impacto da educação de valores na violência que ocorre no ambiente escolar, conclui afirmando que os métodos ativos, a vivência das experiências como solução de dilemas e o diálogo, permitem à educação moral e a construção autônoma de valores, tendo, inclusive, como impacto a construção de ambientes cooperativos.

Menin e Oliveira (2015) em uma pesquisa acerca de projetos de educação de valores que acontecem nas escolas públicas do Estado de São Paulo apresentam que os projetos considerados positivos, isto é, com reais impactos para a escola e os alunos, são aqueles baseados em processos democráticos e dialógicos em que foram criados espaços para a Solução de Problemas de forma conjunta e entre pares.

Outro estudo significativo encontrado foi o de Gualtieri-Kappan (2016) que realizou um levantamento de diferentes formas de se entender o ensino da ética, e diferentes métodos de discussão de dilemas, propostos por autores da filosofia e da Psicologia e após estas análises idealizou e desenvolveu uma nova proposta de discussão de dilemas morais para a educação.

Estas formas apresentadas pelo autor melhor adaptadas à realidade brasileira, que demonstrou-se eficaz na prática para o desenvolvimento moral dos alunos e melhora da qualidade do ambiente escolar.

As pesquisas e estudos consultados até aqui parecem ser unânimes de que as metodologias ativas, que consideram a participação do aluno, que favorecem a relação entre pares, são as mais eficazes na condução de projetos de **educação de valores**.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias propostas por Piaget e Kohlberg deixam claro que o desenvolvimento moral tem suas bases em estruturas cognitivas que se desenvolvem em processos, que dependem da interação entre fatores endógenos com fatores sociais, culturais e ambientais; logo, o sujeito moral se constitui na relação como meio e no estímulo do exercício de suas funções cognitivas e metacognitivas.

Partindo-se desses pressupostos, **o desenvolvimento moral** e a tomada de consciência que leva a constituição do sujeito Moral autônomo, dependem do exercício de habilidades de solução de problemas cotidianos que acontecem na relação com os pares.

A base mesmo das teorias construtivistas apoiam a ideia de que só é possível o **desenvolvimento** do sujeito moral, no exercício da solução de problemas, do diálogo, do descentramento, do olhar para si próprio e para o outro, o que levaria às necessárias modificações internas.

Assim, levar a cabo a **educação para valores** implica em colocar o aluno em experiências de dilemas e soluções de problemas e permitir que ele se expresse e que reconstitua oral e mentalmente seu lugar e o do outro.

Podemos considerar, então, que a aprendizagem por solução de problemas, que fomenta aspectos cognitivos, afetivos e também morais é o método por excelência para a condução da **educação de valores** e possível despertar da autonomia moral dos alunos.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, U.F. **O Ambiente Escolar Cooperativo e a Construção do Juízo Moral Infantil: Sete Anos de Estudo Longitudinal.** Revista OnLine Prof. Joel Martins, vol. 2, num dois, 1-12 pp, Campinas, fevereiro, 2001.

BAUMAN, Z. **O mal estar da pós Contemporaneidade.** RJ, Editora Zahar, 1998.

BERBEL, N.A. **A Problemática E A Aprendizagem Baseada Em Problemas: Diferentes Termos Ou Diferentes Caminhos?** Revista Interface, vol2, num 2, 139-154pp, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais : Introdução Aos Parâmetros Curriculares Nacionais / Secretaria De Educação Fundamental.** – Brasília : MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais : Apresentação Dos Temas Transversais, Ética / Secretaria De Educação Fundamental.** – Brasília : MEC/SEF, 1997.

BORGES, D.S. C. **Desenvolvendo Habilidades de Solução de Problemas interpessoais no Ensino Fundamental.** Revista Paidéia, vol. 12, num 24, 2003.

COSTA, S.S.C.; MOREIRA, M.A. **A Resolução de Problemas como um tipo Especial de Aprendizagem Significativa.** Cad. Cat. Ens. Fis, vol18, num 3, 263-277pp, 2001.

DUSKA, R.; WHELAN, M. **O Desenvolvimento Moral na Idade Evolutiva: Um Guia a Piaget e Kohlberg.** Edições Loyola, SP, 1994.

FREITAS, L. **A Moral Na Obra de Jean Piaget: Um Projeto Inacabado.** Editora Cortez, São Paulo, 2003.

GUALTIERI-KAPPANN, M. M. da S. **Ética, justiça e democracia em sala de aula: o desenvolvimento e a experiência de um novo método de discussão de dilemas morais para a educação.** Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2016.

GALVÃO, L.K.S. **Desenvolvimento Moral e Empatia: Medidas, Correlatos e Intervenções,** Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia, Univ. Fed da Paraíba, 2010.

KRUGER, H. **Educação e Julgamento Moral.** Revista Fórum Educação, vol. 12, num quatro, 35-43 pp, Rio de Janeiro, 1988.

La TALLE, Y. **Formação ética: Do Tédio ao Respeito de Si.** Editora Artmed, Porto Alegre, 2009.

\_\_\_\_\_. **Moral e Ética: Dimensões Intelectuais e Afetivas.** Editora Artmed, porto Alegre, 2007.

LEME, M. I.S. **Convivência, Conflitos e Educação Nas Escolas de São Paulo.** Instituto de Edições SM, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_ **Proximidade e Distanciamento na escola: Educação e Gestão de conflitos entre pares**, cap. 3.

\_\_\_\_\_ revisitando **A Crítica de Bruner: O Desvio da Proposta Cognitivista nos Estudos de Solução de Problemas**. Revista Reflexão e Crítica, vol. 14, num 3, 521-536pp, 2001.

\_\_\_\_\_ **As Especificidades Humanas e a Aprendizagem: Relações entre Cognição, Afeto e Cultura**. Revista Psicologia da USP, vol. 22, num 4, 703-723pp, 2011.

LIMA, V.A. A. De Piaget a Gilligan: **Retrospectiva do Desenvolvimento Moral em Psicologia, um caminho para o estudo das Virtudes**. Revista Psicologia Ciência e Profissão, vol. 24, num três, 12-23 pp, 2004.

MENIM, M.S.E. **Valores Na Escola**. Revista Educação e Pesquisa, vol. 28, num um, 91-100pp, São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_ & cols. **Projetos Bem Sucedidos de Educação em Valores Sociomorais: Contribuições Para O Cotidiano Da Escola**. Revista de Educação, PUC – Campinas, vol. 22, num um, 1-17pp, jan-abri, 2017.

MAIA, D.S.; LOBO, B.O.M. **O desenvolvimento da habilidade de solução de problemas interpessoais e a convivência na escola**. Ver. Psicologia em Revista, vol19, num um, 17-29pp, abr., 2013.

MONTOYA, A.O.D. **Prática e Teoria no Desenvolvimento: Questão de Tomada de Consciência**. Revista Psicologia Escolar e Educacional, Vol. 21, num 2, 235-244, mai-ago, 2017.

MULLER, A.; ALENCAR, H.M. **Educação Moral: O Aprender e o Ensinar sobre justiça na Escola**. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, vol. 38, num 2, 453-468 pp, 2012.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. Editora Summus, SP, 1994.

\_\_\_\_\_ ; INHELDER, Barbel. **A Psicologia da Criança**. Editora Bertrand Brasil, RJ, 2012.

PUIG, J. **Democracia e Participação Escolar**, Editora Moderna, SP, 2000.

VASQUEZ, A. S. **ÉTICA**. Editora Civilização Brasileira, RJ, 2006.

TOGNETTA, L.R.P.; LEME, M.I.S. VICENTIM, V.F. **Quando os Conflitos Nos Pertencem: Uma Reflexão sobre as Regras e a Intervenção aos conflitos na Escola que pretende formar para a autonomia**. Editora Mercado das Letras, Campinas, 2013.

\_\_\_\_\_, L.R.P.; ASSIS, O.Z.M. **A Construção Da Solidariedade na Escola: As Virtudes, a Razão e a Afetividade**. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, vol. 32, num um, 49-66pp, jan-abr, 2006.

\_\_\_\_\_; VINHA T.P. **Construindo a Autonomia Moral na Escola:** Os conflitos interpessoais e a aprendizagem de valores. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, vol. 9, num 28, 525-540pp, set-dez, 2009.

ZECHI, J.A.M. **Educação em Valores:** solução para a violência e indisciplina na escola. Tese (doutorado), UNESP, Pres. Prudente, 279f, 2014.